

AS PRIMEIRAS EXPRESSÕES DA CRÍTICA MARXISTA DA RELIGIÃO

THE FIRST EXPRESSIONS OF THE MARXIST CRITICISM OF RELIGION

David Machado de Oliveira¹

<http://orcid/0000-0002-8385-003X>

Antônio Glaudenir Brasil Maia²

<http://orcid/0000-0002-2772-9032>

Resumo: O presente artigo tem objetivo abordar os primeiros indícios e fundamentações para a crítica da religião marxista, analisando desde a conjuntura social, política e histórica que Marx nasceu e cresceu, as influências que tivera, desde seus pais a seus estudos em Bonn, a construção de sua tese de doutoramento e sua entrada para o grupo de hegelianos de esquerda. Temos também o propósito de abordar como a questão da religião no pensamento de Marx sempre esteve relacionado às condições materiais vigentes de nossa sociedade. E por isso não podemos nos confundir e atribuir a religião como parte da essência humana, ou como algo alheio e independente de nossa vontade. É necessário compreender que o reflexo religioso é apenas mais um entre tantos outros reflexos fantásticos e especulativo-idealistas de nosso pensamento, e é fundamental que nosso pensamento se afaste de toda e qualquer mistificação para que possamos ter o entendimento real do mundo.

Palavras-chave: Crítica da religião. Crítica da política. Filosofia prática.

Abstract: This article aims to address the first indications and foundations for the critique of Marxist religion, analyzing from the social, political and historical context that Marx was born and raised in, the influences he had, from his parents to his studies in Bonn, the construction of his doctoral thesis and his entry into the group of left-wing Hegelians. We also have the purpose of approaching how the question of religion in Marx's thought was always related to the prevailing material conditions of our society. And that is why we cannot be confused and attribute religion as part of the human essence, or as something alien and independent of our will. It is necessary to understand that the religious reflection is just one among many other fantastic and speculative-idealistic reflections of our thinking, and it is essential that our thinking distance itself from any mystification so that we can have a real understanding of the world.

Keywords: Critique of Religion. Critique of Politics. Practical Philosophy.

¹ Graduado e Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).
E-mail: david.machado199@gmail.com / <http://lattes.cnpq.br/2671176676183401>

² Pós-Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) Professor Associado da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

E-mail: glaudenir@gmail.com / <http://lattes.cnpq.br/7315079682971494>

PRIMEIRAS FORMAÇÕES FILOSÓFICAS

O começo do século XIX na Alemanha, na época Reino da Prússia, foi marcado por fortes discussões filosóficas e religiosas, Marx ingressa na Universidade de Berlim no ano de 1837, nesse período ocorre o processo de decomposição da assim chamada *filosofia clássica alemã*, essa filosofia tendo como identificação os filósofos Kant, Fichte, Schelling e posteriormente Hegel. O rompimento e dissolução da *filosofia clássica alemã* se inicia logo depois do falecimento de Hegel em 1831, até então a filosofia hegeliana era a filosofia dominante na sociedade alemã, e após o infortúnio de seu perecer, dois grupos de intelectuais surgiram para disputar a principal interpretação das ideias da filosofia hegeliana: os hegelianos de direita e de esquerda.

Para se ter conhecimento da magnitude influência do pensamento de Hegel à cultura alemã no século XIX, José Paulo Netto expõe em sua importante biografia sobre Marx que

A monumental sombra de Hegel, espelho da magnitude da sua obra, pairava sobre a cultura alemã desde a sua morte e rebatia com força na Universidade de Berlim, instituição em que ele exerceu a docência a partir de 1818, da qual chegou a ser reitor e que era, então, o centro do hegelianismo. Não é exagerado caracterizar a filosofia alemã, da morte de Hegel aos eventos de 1848, como o eixo de gravitação em torno do qual legatários e opositores desse filósofo tratavam intensa batalha de ideias. De fato, como Engels lembrou no ensaio citado, uma espécie de hegelomania “reinou da maneira mais absoluta na Alemanha”, precisamente de 1830 a 1840” (NETTO, 2020, p. 47).

É notável perceber que a formação política e filosófica de Marx não foi apenas resultado da educação prussiana, seja a formal ou da influência cultural. Michael Heinrich escreveu a biografia *Karl Marx e o Nascimento da Sociedade Moderna* e nela o autor defende que Marx realizou estudos filosófico-religiosos feito entre os anos de 1838 e 1842, época em que nosso filósofo se formou no curso de Direito e paralelamente entrou no grupo de doutores em filosofia, onde conheceu seu amigo Bruno Bauer³.

A relação sentimental de Marx com Bauer também foi importante para as tomadas de decisão que ele tomaria futuramente e isso é evidenciado nas cartas de Bauer onde ambos se planejavam para publicar escritos em conjunto. Havia também planos que após o processo de doutoramento de Marx, ele iria para a cidade de Bonn lecionar na universidade ao lado de Bauer para combater o conservadorismo teológico e político da época. Bauer chega a

³ Bruno Bauer (1809-1882) foi um filósofo e teólogo caracterizado como “hegeliano de esquerda” que se destacou na década de 30 com a publicação dos *Anais para a Crítica Científica* (1835-36) onde na oportunidade criticou o livro *A vida de Jesus* (1835) de David Friedrich Strauß, afirmando haver incompreensões filosóficas na interpretação dos acontecimentos históricos bíblicos. Mais tarde Bauer irá radicalizar sua filosofia o que irá acarretar na revogação da sua licença para ensinar em 1842.

pressionar Marx para que ele se apressasse em concluir a sua tese, em uma carta de 1º março de 1840 ele escreve: “Para de procrastinar e termine logo seu vagaroso trabalho; esse exame é uma tolice e mera farsa. Se você estivesse aqui, poderíamos discutir muito mais coisas do que o papel pode transmitir” (HEINRICH, 2018, p. 361).

É importante destacar que essa pressão de Bauer à Marx para que ele possa concluir seu doutoramento, se deve também pelas convicções filosóficas que Bauer constantemente expressava, a tese de que o embate entre a ciência e a igreja iria acarretar em uma crise política e social jamais vista antes. Michael Heinrich afirma que foi a inteligência e determinação crítica de Bauer que fez com que o jovem Marx se aproximasse intelectualmente e politicamente dele. É possível afirmar que algumas particularidades da concepção crítica de Bauer tenham influenciado o pensamento crítico de Marx, é tanto que a implacabilidade seria a característica principal de toda e qualquer crítica, sem temer quaisquer consequências dessa crítica. Essa característica é enfatizada anos mais tarde em uma carta à Ruge em setembro de 1843, Marx afirmava que

Embora a construção do futuro e sua consolidação definitiva não seja assunto nosso, tanto mais líquido e certo é o que atualmente temos de realizar; refiro-me à crítica inescrupulosa da realidade dada; inescrupulosa tanto no sentido de que a crítica não pode temer os seus próprios resultados quanto no sentido de que não pode temer os conflitos com os poderes estabelecidos (MARX, 2010, p.71).

É bem provável que Marx, no final da década de 1830, já tinha assumido posições ateias, o que teria facilitado a sua entrada ao grupo de doutores, além de sua percepção aguçada de interpretação da realidade e o volume de leitura que o jovem filósofo possuía na época, o que esquentava os debates a vista que os outros membros fossem mais próximos do protestantismo, tal como Bauer, que na época ainda era editor de uma revista protestante, então podemos concluir que não foi necessariamente Bauer que influenciou o ateísmo no jovem Marx. Michael Heinrich defende que provavelmente o inverso teria acontecido, que nos anos 1838 e 1839, Marx teria influenciado Bauer a se tornar ateu.

Em anos posteriores, ambos tinham um projeto de lançarem um periódico que teria como temática principal o ateísmo, o que escreveu o próprio Ruge em uma carta a Adolf Stahr no dia 8 de setembro de 1841: “Será um jornal do ateísmo (literalmente)” (HEINRICH, 2018, p. 364), como dá ênfase Michael Heinrich, se trata de um periódico que serviria para confrontar tanto os *Anais para a Crítica Científica* quanto os *Anais de Halle*, e que tanto Marx quanto Bauer estavam dispostos a iniciar uma empreitada contra a religião cristã:

Confirmado por uma reportagem da *Manheimer Abendzeitung* [Gazeta Vespertina de Mannheim] do dia 28 de fevereiro de 1843, em que se lê: “O dr. Marx [...] é um amigo de Bruno Bauer, com quem ele outrora pretendia publicar um jornal teológico-filosófico que partiria da perspectiva baueriana da crítica dos Evangelhos e que se chamaria *Archiv des Atheismus* [Arquivo do ateísmo]” (HEINRICH, 2018, p.364).

No entanto, o jornal não chegou a ser lançado. Todavia é importante ressaltarmos que mesmo em sua juventude, Marx tinha interesse em publicar textos críticos acerca do pensamento filosófico e religioso de sua época, com a temática essencialmente ateia e que, portanto, visa uma sociedade minimamente emancipada das correntes religiosas.

Para se ter uma ideia do que estava por vir desse periódico, o cofundador da Gazeta Renana, Georg Jung (1814-1886), conta a Arnold Ruge em uma carta escrita no dia 18 de outubro de 1841 que:

O dr. Marx, o dr. Bauer e L. Feuerbach estão se associando para fundar um periódico filosófico-teológico; que todos os anjos se reúnam ao redor do velho Deus Nosso Senhor e que ele seja misericordioso consigo mesmo, pois esses três com certeza vão expulsá-lo do Céu e, ainda por cima, processá-lo judicialmente – Marx, ao menos, considera a religião cristã uma das mais indecentes. A propósito, apesar de ser um revolucionário bastante desesperado, ele possui uma das mentes mais aguçadas que eu conheço (HEINRICH, 2018, p. 364,365).

É notável perceber que o pensamento crítico e filosófico de Marx sempre foi aguçado, e que desde a época em que Marx ingressou nos debates políticos e religiosos da sociedade prussiana a sua crítica sempre foi caracterizada pela implacabilidade daquilo que é posto, daquilo que é especulado e daquilo que é factual.

A CRÍTICA FILOSÓFICA DA RELIGIÃO

Com o objetivo de se formar e posteriormente se tornar professor universitário ao lado de Bruno Bauer, Marx desenvolveu sua tese intitulada *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e Epicuro* (1841), as razões da escolha dessa temática ainda são desconhecidas, talvez seja a crítica da religião de Epicuro que tenha seduzido Marx para sua escolha, embora seja comum naquela época os intelectuais não se dedicarem tanto na sua tese de doutoramento, ao que Bauer por exemplo chama de farsa, como já foi citado anteriormente. Todavia, em uma típica obra de história da filosofia antiga, onde Marx defende a filosofia da natureza de Epicuro contra a de Demócrito, através das concepções de átomo e matéria, o jovem intelectual busca investigar as consequências e resultados desses conceitos que irão refletir nas condições de liberdade do ser humano.

Nesse processo de defesa da filosofia epicurista, será possível também investigar um ataque indireto que Marx fará ao quadro de repressão política e social do Estado prussiano, e é nessa relação dialética que iremos analisar tanto a crítica filosófica de Marx à religião quanto à repressão política, recusando toda forma de autoridade que esteja acima da liberdade humana, seja Deus, Igreja ou Estado, onde a única divindade suprema seria a realização da “autoconsciência humana”.

Marx defende que a negação e recusa de toda e qualquer divindade seja um fator positivo para a filosofia. Quanto mais o pensamento se liberta das correntes teológicas, mais será possível a liberdade da ação o que, paralelamente a isso, todo e qualquer materialismo mecanicista ou pensamento supersticioso que alimentam o conservadorismo político seria suprimido.

Em suas anotações preparatórias sobre a filosofia epicurista, Marx afirma que

Aquele que não sente mais prazer em construir o mundo inteiro com os seus próprios meios, em ser um criador do mundo, do que em manter-se eternamente dentro da sua pele, sofre o anátema do espírito, é marcado pela proibição, mas por uma proibição invertida; é afastado do templo e do eterno gozo do espírito e é levado a cantar músicas de embala destinadas à sua própria beatitude privada e, de noite, a sonhar consigo mesmo. (...) De fato, a primeira regra a cumprir para que faça uma verdadeira investigação filosófica é ter um espírito livre e audacioso (MARX, 1972, p. 69).

É notável perceber que para o jovem Marx, o ser humano necessita ter pleno domínio de si mesmo e do universo, oriundo da autonomia do espírito. O verdadeiro mal residiria na projeção que os seres humanos fazem de suas qualidades quando forjam a ideia de deuses, a crença nos deuses só ocorre porque as perfeições da humanidade são projetadas e atribuídas a um ente ilusório.

No prefácio da sua tese de doutoramento, nosso filósofo apresenta um depoimento claramente ateu e ainda faz uma crítica à repressão sofrida por seus amigos jovens hegelianos em 1841, além da perda do emprego em seus respectivos ofícios, sofreram sob a censura do Estado prussiano, como afirma Marx:

A confissão de Prometeu [Numa palavra, odeio todos os deuses] – é sua própria confissão, seu próprio dito contra todos os deuses celestiais e terrenos que não reconhecem a autoconsciência humana como a divindade suprema. Não pode haver nenhum outro deus ao lado dela. Porém, às tristonhas lebres de março que se alegram com o aparente agravamento da posição cidadã da filosofia, esta responde, reiterando aquilo que Prometeu disse a Hermes, o serviçal dos deuses: [Por tua servidão minha desventura Eu com toda certeza jamais trocaria. Acho bem melhor ser escravo daquela pedra, do que a Zeus pai servir de fiel mensageiro.] (MARX, 2018, p.23 e 24).

Apresentando esse posicionamento ateu e ao mesmo tempo crítico a qualquer forma de governo autoritário fundamentado na religião, como era o Reino da Prússia, é possível ressaltar mais uma vez que a verdadeira libertação do ser humano nada tem a ver com pressupostos e manifestações religiosas, tanto a filosofia quanto a vida humana prática, devem ser livres dessas oposições de entendimento teologizados.

Ao decorrer de sua tese de doutoramento, Marx irá expor alguns conceitos referente aos atomismos de Demócrito e Epicuro, ambos acreditavam que o mundo era estruturado em partículas mínimas, os átomos, que significam literalmente “os indivisíveis”. Mesmo tendo algumas semelhanças, a atomística grega se diferencia da atomística moderna como conhecemos atualmente, tanto em seu método quanto o seu conceito. A conceituação de átomo para os filósofos citados não advém de estudos empíricos, quando tratavam de afirmar que o mundo teria como formação átomos que se movem em um espaço vazio, tratava de uma possível resposta para a pergunta de que a substância das coisas era infinitamente indivisíveis ou se tinha como constituição partículas mínimas que seriam divisíveis.

Na época de Marx, a compreensão que se tinha de física atômica moderna ainda não existia, esse entendimento só viria à tona após experimentos no final do século XIX, no entanto, naquele período já havia a compreensão que cada elemento químico tinha como composição átomos do mesmo tipo. Em sua tese de doutoramento, Marx faz uma ponte do atomismo grego ao debate sobre o posicionamento do ser humano e sua atuação na sociedade, seu interesse viria mais de motivos políticos do que necessariamente filosóficos⁴.

Acerca da diferença entre as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro, na primeira parte de sua tese de doutoramento, Marx afirma que ambas as filosofias se fundamentam na existência de átomos e de seus movimentos no espaço vazio, no entanto, a compreensão que eles tinham sobre esse tema eram completamente diferentes. No que diz respeito à problemática da *verdade* e da *convicção* do saber do ser humano, Marx afirma haver uma contradição no pensamento de Demócrito, ele afirma que a verdade não poderia estar presente nos fenômenos pois os fenômenos não são ocultos e a verdade só poderia estar presente naquilo que é oculto.

Epicuro por outro lado, observa que o critério para se chegar à verdade é o conhecimento sensível, a prática científica seria absurdamente diferente na concepção desses dois filósofos. Enquanto Demócrito buscava novas formas de saber, Epicuro se contentava

⁴ Em uma carta a Lassalle no dia 21 de dezembro de 1857, Marx conta que seu trabalho sobre Epicuro teria sido movido por esses interesses.

com a filosofia e afirmava que as outras “ciências positivas” não seriam relevantes para o saber humano. Outra diferença de suas filosofias, e a fundamental para Marx, era suas respectivas visões acerca do determinismo. Demócrito acreditava que o mundo seria dominado pela necessidade, negando o acaso, Epicuro, por outro lado, afirma que assim como algumas coisas são fruto do acaso outras dependem também do nosso arbítrio.

É partir daí que Marx irá destacar as consequências desses entendimentos, ele afirma, citando Epicuro, que “É uma desgraça viver na necessidade, mas viver na necessidade não é uma necessidade. Estão abertos em toda parte os caminhos para a liberdade, que são muitos, curtos e fáceis.” (MARX, 2018, p. 49). Dessa forma, ao explicar os fenômenos Epicuro não dá uma razão específica para os acontecimentos, mas considera que tudo é possível. Para ele a *ataxaria*, que significa tranquilidade satisfeita, é a única finalidade do entendimento das coisas, essa *ataxaria* visa a autoconsciência do ser humano e não necessariamente o conhecimento a natureza em si e para si. Assim diz Marx:

Por conseguinte, Epicuro adota um procedimento tremendamente desleixado na explicação dos fenômenos físicos individuais. Isso ficará bem mais claro a partir da carta a Pítocles, que analisaremos adiante. Basta chamar a atenção aqui para sua relação com as opiniões de físicos mais antigos (...) sempre dizem isto de Epicuro: ele não rejeita nenhuma dessas opiniões, todas poderiam estar corretas, ele se atém ao possível. Epicuro polemiza até mesmo contra a modalidade explicativa que determina de forma racional a partir da possibilidade real e que, justamente por isso, é unilateral (MARX, 2018, p.52 e 53).

Após expor a diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e Epicuro em termos gerais, na segunda parte de sua tese, Marx irá tratar da diferença em termos específicos. Demócrito a respeito dos tipos de movimento atômico conhecia dois: a queda em linha reta e a repulsão dos átomos. Epicuro por sua vez instaura um terceiro movimento, a declinação. Essa declinação do átomo teria como representação um movimento de um corpo autônomo, que não estaria pressionado pela necessidade, expressando assim a chamada “determinação formal dos átomos”.

Na medida em que o movimento do átomo seguir em linha reta, ele se torna determinado pelo espaço que está inserido, de forma puramente material. Essa forma nega todo tipo de relatividade, dado o fato de que o átomo percorre no campo do ser imediato, logo todas as determinações são também imediatas.

Para Marx, a interpretação de Lucrécio sobre a declinação do átomo possui mais sentido, pois quando ele afirmou que a declinação do átomo rompe com os “laços do destino” ou *fati foedera*, e por esse motivo, ao usar isso de maneira imediata ao consciente, pode-se

concluir, portanto, que a declinação do átomo “seria aquele algo em seu âmago que é capaz de contra-atacar e resistir” (MARX, 2018, p. 76).

Esse ponto é fundamental para Marx, Epicuro poderia contestar a visão determinista de Demócrito por intermédio da declinação do movimento, logo, a liberdade só é possível com a própria rejeição do determinismo, assim conclui Marx:

Portanto, do mesmo como o átomo se liberta de sua existência relativa, da linha reta, abstraindo dela, declinando dela, também toda a filosofia epicurista declina da existência limitadora sempre que sua intenção é apresentar a existência do conceito da particularidade abstrata, da autonomia e da negação de toda relação com outra coisa. Assim, a finalidade do fazer é abstrair, declinar da dor e da perturbação, ou seja, a ataxaria. Assim, aquilo que é bom constitui a fuga diante daquilo que é mau, assim, o prazer é declinar do sofrimento. Por fim, onde a particularidade abstrata aparece em sua suprema liberdade e autonomia, em sua totalidade, conseqüentemente a existência da qual se declina é *toda a existência*; por conseguinte, *os deuses declinam do mundo* e não se preocupam com ele, morando fora dele (MARX, 2018, p. 79).

Outra característica importante que diferencia a filosofia da natureza de Demócrito e Epicuro, é a problemática das propriedades dos átomos. Para Demócrito, os átomos não possuem características, o peso dos átomos não são qualidades essenciais, e a formação das diferenças do mundo fenomênico é o que poderia dar resultado as qualidades dos átomos. Epicuro por sua vez, afirma que por meio das qualidades é que o átomo adquire uma existência, e essa existência contradiz seu próprio conceito, como algo exteriorizado. Essa contradição concebe o principal interesse de Epicuro, pondo uma qualidade ao átomo ele tira a consequência da natureza material do átomo, “*logo, ele determina todas as qualidades de maneira que elas se contradizem*” (MARX, 2018, p.86) estabelecendo a definição de átomo. Essa contradição entre forma e matéria, essência e existência é fundamental e inevitável para os átomos:

Por meio da qualidade, o átomo é estranhado de seu conceito; ao mesmo tempo, sua construção é completada. Da repulsão e das aglomerações de átomos qualificados associadas a ela surge, então, o mundo fenomênico. Nessa transição do mundo da essência para o mundo da manifestação, a contradição presente no conceito do átomo evidentemente alcança a sua mais gritante realização (MARX, 2018, p.101).

É interessante a utilização do método dialético de Marx para compreender a lógica interna no atomismo de Epicuro, e não apenas nisso, ao longo dessa relação entre analisar as diferenças dos filósofos gregos, Marx afirma que “esses homens, que em tudo se contradizem, seriam adeptos da mesma doutrina. E, ainda assim, eles parecem acorrentados um ao outro” (MARX, 2018, p. 54).

Posteriormente, Marx irá conceituar o átomo uma forma natural da autoconsciência abstrata, sendo o átomo, uma metáfora das relações sociais que se fundamentam na convivência dos seres humanos. Nesse sentido, vale a pena ressaltar a importância da primeira forma de autoconsciência, a repulsa, pois é nela que o ser humano pode ser humano e se tornar seu único objeto real, para isso “é preciso que ele tenha rompido dentro de si com sua existência relativa, com a força do desejo e da simples natureza” (MARX, 2018, p.82).

Na última parte de sua tese de doutoramento, Marx irá ter a autoconsciência como base para a interpretação do que Epicuro chamaria de “meteoros”. Esses meteoros, para os filósofos gregos antigos, significam todos os fenômenos celestes. Epicuro critica Aristóteles que acreditava que os seres humanos tendem a fazer uma ligação entre o que o conceito de imortal aos imortais, e por essa razão, os deuses estariam no Céu eterno. Epicuro problematiza a crença de que o ser humano necessita desse Céu, o que seria tolice supersticiosa. Para Epicuro “a eternidade dos corpos celestes perturbaria a ataxaria da autoconsciência, e por isso mesmo, a consequência estrita e necessária é que eles não são eternos” (MARX, 2018, p. 121).

Para Marx, todavia, os meteoros não influenciam a ataxaria da autoconsciência, e sim, a ataxaria da autoconsciência individual. Para Epicuro, a autoconsciência individual-abstrata teria uma enorme desvantagem, ele afirma que toda ciência que seja verdadeira e real, seria suprimida por conta de qualquer modo transcendente da consciência humana. Essa concepção é fundamental para entendermos que para Marx a filosofia de Epicuro seria libertadora diante de todas as formas de dominação religiosa, afirma ele que:

Quando a autoconsciência individual-abstrata é posta como princípio absoluto, toda a ciência verdadeira e real é suprimida, na medida em que a particularidade não reina na natureza das próprias coisas. Assim desaba também tudo o que se comporta de modo transcendente diante da consciência humana e, portanto, pertence ao entendimento imaginador. Em contraposição, quando a autoconsciência, que só tem ciência de si na forma da universalidade abstrata, é alçada à condição de princípio absoluto, encara-se a porteira para a mística supersticiosa e servil (MARX, 2018, p.124).

É notável perceber que em Marx é fundamental que o indivíduo se torne livre das amarras das crenças, do medo dos deuses e das concepções idealistas e abstratas como faz a filosofia epicurista e que é digno de louvor pelos poemas de Lucrecio postos pelo próprio Marx na sua tese:

Quando a vida humana à vista de todos foi lançada com infâmia em ter sendo gravemente oprimida pela religião. Que das regiões celestiais ostentou sua cabeça, com a face horripilante instando os mortais: um grego foi o primeiro que ousou levantar contra ela seus olhos mortais, o primeiro que se atreveu a resistir; Não o impressionou nem a fábula sobre os deuses. Nem o raio nem o rumor ameaçador do céu. [...] Por isso, a religião, em troca, foi subjugada. E espezinhada, e a vitória nos alça o céu (MARX, 2018, p.124).

Dessa forma, Marx conclui que “Epicuro é o maior dos iluministas gregos” (MARX, 2018, p.124). Recuperar a crítica da religião de Epicuro, foi sem dúvidas, o resultado político e filosófico mais valioso de sua tese, contrariando, portanto, a filosofia hegeliana e a história da filosofia até então.

DA FILOSOFIA À POLÍTICA

Como já foi abordado na segunda parte desse artigo, quando Marx tratou de fazer sua análise sobre o medo dos seres humanos em relação à Deus, notou-se a semelhança de sua crítica da religião à crítica da religião de Feuerbach, em que a essência de Deus seria nada mais que a essência humana exteriorizada, como ele aborda em *A essência do cristianismo* (1841). A filosofia de Feuerbach é caracterizada sobretudo por reconhecer que o homem é de fato o autor de sua própria história. A crítica filosófica da religião se torna a crítica ao cristianismo político a partir de quando Marx resolve aplicar suas teorias em uma dimensão política e social que as circunstâncias do Reino da Prússia ofertavam em suas contradições como Estado Cristão.

Ainda na preparação de sua tese de doutoramento, em 1939, nosso filósofo já tinha tido a experiência de ter contato com a filosofia de Feuerbach, Marx faz uma citação à *História da Filosofia Moderna de Bacon a Spinoza*, de 1833⁵. No entanto, é fundamentalmente a *Essência do Cristianismo*, que terá a maior influência do materialismo feuerbachiano ao pensamento de Marx no que diz respeito a condição humana, o que é reconhecido pelo próprio em uma crítica à Edgar Bauer, exposta em *A Sagrada Família* (1845) “se Feuerbach conclui que a filosofia tem de descer do céu da especulação para as profundezas da miséria humana, o senhor Edgar nos ensina, ao contrário, que a filosofia é excessivamente prática” (MARX, 2003, p. 52).

Posteriormente a seu doutorado, Marx não irá concordar com a proposta de Feuerbach, que não seria destruir a religião e tampouco o sagrado, na verdade o seu propósito seria a

⁵ Feuerbach comenta que Epicuro, guiado pela razão, chega à conclusão que assim como corpos com peso e massa diferente caem em queda-livre com a mesma velocidade, os átomos, mesmo diferentes em peso e tamanho, se movem com a mesma velocidade.

construção de uma nova religião, transformando o sagrado e substituindo a teologia pela antropologia. Como afirma Feuerbach nas *Teses Provisórias para a Reforma da Filosofia* (1842):

O antropoteísmo é o coração convertido em *entendimento*; ele exprime na cabeça, de maneira apenas intelectual, o que o coração diz à sua maneira; ele põe como essência absoluta *aquela* essência que reconhece o coração como parte essencial de si mesma. A religião é unicamente afeto, sentimento, coração, amor, quer dizer, a negação, a dissolução de Deus no homem. Sendo a negação da teologia, que nega a verdade do afeto religioso, a nova filosofia é por isso a posição da religião. O antropoteísmo é a religião consciente de si – a religião que se compreende a si mesma (FEUERBACH, 2005, p.95).

Karl Marx não irá concordar com essa finalidade do antropoteísmo de Feuerbach, o que interessa para ele é sua análise sobre a alienação religiosa, crítica ao idealismo de Hegel e sua percepção humanista e realista.

Na época em que Marx defendeu sua tese de doutoramento, a situação política do Reino da Prússia sofrera momento de mudanças. Com o falecimento de Frederico Guilherme III um ano antes (1840) e com a ascensão de seu primeiro filho Frederico Guilherme IV ao trono houve ilusão por parte dos intelectuais burgueses com os decretos por parte do governo, inclusive em relação a uma nova lei de imprensa como iremos abordar agora.

Marx não se iludiu com a enganação do novo imperador e começou a tratar sobre a dimensão política propriamente dita no ano de 1842, em uma série de textos sobre a liberdade de imprensa. O primeiro artigo sobre a temática, como afirma Wackenheim:

Não foi publicado na *Gazeta Renana* e sim em *Anekdotas* de Ruge. O artigo, publicado entre janeiro e fevereiro de 1842, se intitula *Observações sobre a mais recente decreto prussiano sobre a censura*. Naqueles tempos, a censura em Prússia estava regulamentada por um decreto de 18 de outubro de 1819, relacionado com as decisões do Congresso de Karlsbad. Uma instrução datada em 24 de dezembro de 1841, recomenda aos censores uma maior flexibilidade no exercício de suas funções⁶ (WACKENHEIM, 1973, p. 125).

Essa conjuntura política que determinou uma alternativa de vida ao jovem Marx, não podendo ingressar como professor nas universidades da Alemanha, era sua chegada ao mundo da imprensa, assim como também seus amigos Bauer, Ruge e outros hegelianos de esquerda.

⁶ A tradução da citação foi feita por autoria minha. No se publica em la Gaceta Renana, sino em las Anekdotas de Ruge. El artículo, redactado em enero-febrero de 1842, se titula *Observaciones a la más reciente instrucción prussiana sobre la censura*. Em aquellos tempos, la censura em Prusia estaba regulamentada por un edicto del 18 de octubre de 1819, relacionado com las decisiones del Congreso de Karlsbad. Una instrucción fechada el 24 de diciembre de 1841, recomienda a los censores una mayor flexibilidade em el ejercicio de sus funciones.

Esse foi o pano de fundo para a transição da crítica filosófica à crítica política de Marx e também de outros jovens hegelianos da época. Em relação aos fatos históricos, Mészáros (1930-2017) por sua vez, irá afirmar que quando ocorre uma crise na história, as alternativas possíveis à determinados sistemas socioeconômicos estão em aberto ocorre o que ele chama de “vácuo ideológico” por um determinado período e que isso acaba dando por favorecer o surgimento de ideologias utópicas aqui no sentido crítico da palavra, para ele portanto “é relativamente fácil identificar as características objetivas da ordem social emergente do que um estágio posterior, no qual as necessidades que, no campo da ideologia, dão vida ao positivismo acrítico” (MÉSZÁROS, 2016, p. 41).

Em relação ao artigo de Marx sobre a censura prussiana, criticava a falaciosa lei de imprensa que foi posta pelo Estado, ele colocou em questão a racionalidade que envolve a censura como ferramenta do Estado para investigar a verdade, ele fundamenta sua crítica afirmando que a censura seria inequívoca e intrinsecamente prejudicial à humanidade, além de propor a supressão da censura para a resolução do problema.

Inclusive Marx chega a tratar no artigo a relação político-religiosa que o Estado prussiano, como Estado cristão, desempenhava através de suas jurisdições, defendendo o cristianismo de todo tipo de ataque que poderia eventualmente sofrer, pondo as outras religiões ou manifestações religiosas na marginalidade, Marx denuncia e chama atenção para esse abuso da seguinte forma assim assinala:

Em 1819 ainda reinava o racionalismo, que, sob o nome genérico de religião, designava o que se chamava religião da razão (Vernunftreligion). Esse ponto de vista racionalista também está presente na lei da censura. É verdade que a lei em questão comete o ilogismo de se colocar de um ponto de vista irreligioso, quando na verdade se destina a proteger a religião. Porque é contrário aos princípios gerais da religião fazer uma distinção entre seus princípios gerais e seu conteúdo positivo e determinado. É precisamente por causa de sua natureza particular que toda religião acredita que é diferente de outras religiões imaginárias, e é por seu caráter determinado que cada religião se figura ser a verdadeira religião (MARX, 1927, p.158)⁷.

Com a denúncia do abuso de autoridade do Estado Prussiano e sua contradição de bombardeios ideológicos em uma defesa cega da religião cristã, Marx dá o seu primeiro passo

⁷ 1819 herrschte noch der Rationalismus, welcher unter der Religion im Allgemeinen die sogenannte Vernunftreligion verstand. Dieser rationalistische Standpunkt ist auch der Standpunkt des Zensuredikts, welches allerdings so inkonsequent ist, sich auf den irreligiösen Standpunkt zu stellen, während es die Religion zu beschützen bezweckt. Es widerspricht nämlich schon den allgemeinen Grundsätzen der Religion, ihre allgemeinen Grundsätze von ihrem positiven Inhalt und von ihrer Bestimmtheit » zu trennen, denn jede Religion glaubt sich von den anderen besonderen eingebildeten Religionen eben durch ihr besonderes Wesen zu unterscheiden und eben durch ihre Bestimmtheit die wahre Religion zu sein.

para sua inserção ao jornalismo e oferece as suas primeiras formulações que envolve a relação entre política e religião. Essas formulações que intervêm à relação interna que o Estado tem com o cristianismo, como uma fundamentação irracional para justificar o fanatismo e a intolerância.

Considerações finais

Em nosso entendimento, a questão da religião no pensamento de Marx, sempre esteve relacionado às condições materiais vigentes de nossa sociedade. Não podemos nos confundir e atribuir a religião como parte da essência humana, ou como algo alheio e independente de nossa vontade. É necessário compreender que o reflexo religioso é apenas mais um entre tantos outros reflexos fantásticos e especulativo-idealistas de nosso pensamento, e é fundamental que nosso pensamento se afaste de toda e qualquer mistificação.

Na sua tese de doutoramento, é possível identificar alguns problemas que a alienação pode manifestar, a exteriorização e estranhamento podem aparecer como ideologia dominante, desde os regimes antigos ao Estado moderno, juntamente com a atuação da religião e da ideologia que podem se apresentar tanto no conhecimento filosófico quanto no conhecimento científico.

As reproduções ideológicas da classe dominante aparecem até mesmo em pensadores como Aristóteles, que ao tentar conceituar que a escravidão e a liberdade seriam pressupostos naturais dos seres humanos entrou em contradição e destruiu a historicidade da esfera dessas condições:

Assim, as contradições sociais insolúveis do seu tempo levaram até mesmo um filósofo da envergadura de Aristóteles a operar com conceitos autocontraditórios como “liberdade por natureza”, que lhe foi imposto pelo conceito inteiramente fictício de “escravidão por natureza”, em concordância direta com a necessidade ideológica prevalecente. E quando ele faz outra tentativa de resgatar a historicidade da esfera da “liberdade por natureza”, declarando que o escravo não é um ser humano, mas uma mera *coisa*, uma “ferramenta falante”, ele se encontra bem no meio de outra contradição: pois as ferramentas do ser humano possuem um caráter histórico, e certamente não um caráter fixado por natureza. Por causa da parcialidade de sua posição, as leis dinâmicas da totalidade social, que mudam dialeticamente, devem permanecer um mistério para Aristóteles (MÉSZÁROS, 2016, p.42 e 43).

Marx procurou justificar a filosofia sem cair em determinismos ao passo que também ao justificar a liberdade não seria coerente cair no irracionalismo religioso, até porque todo e qualquer pensamento religioso já parte de pressupostos deterministas. Não devemos confundir o pensamento filosófico ao pensamento religioso, ao passo que fazer isso o indivíduo cai no

obscurantismo. A filosofia deve ser liberta de pressupostos religiosos e ideológicos, tal como ele afirma em sua tese de doutoramento ao defender Epicuro, teríamos o poder da liberdade de nossa atividade social.

Em suas ponderações sobre a liberdade de imprensa, Marx defende o fim da censura, privar os seres humanos de sua liberdade, sempre será um ato imoral, contraditório, irracional e ilegal, assim, ao defendermos, pensarmos e construirmos a emancipação, devemos sempre buscar erradicar qualquer forma de opressão, seja em qualquer escala ou em quaisquer categorias, seja em opressões de gênero, sexuais, raciais, sociais, políticas, morais e comportamentais. Busquemos a mais completa forma de liberdade humana, sem cair em demagogias, construindo e transformando sempre a realidade.

Na *Ideologia Alemã* (1846) Marx e Engels sabiam que não é só instaurar uma determinada forma de organização social e mantê-la, afirmaram eles que:

O comunismo não é para nós um estado de coisas [Zustand] que deve ser instaurado, um Ideal para o qual a realidade deverá se direcionar. Chamamos de comunismo o movimento real que supera o estado de coisas atual. As condições desse movimento [devem ser julgadas segundo a própria realidade efetiva. (S. M.)] resultam dos pressupostos atualmente existentes (MARX&ENGELS, 2007, p.38).

Sendo assim, não há uma teleologia na história da humanidade, afim de determinados como será o seu fim, tampouco afirmar que a história guia os seres humanos em uma direção, assim eles concluem:

A História não faz nada, “não possui nenhuma riqueza imensa”, “não luta nenhum tipo de luta”! Quem faz tudo isso, quem possui e luta é, muito antes, o homem, o homem real, que vive; não é, por certo, a “História”, que utiliza o homem como meio para alcançar seus fins – como se se tratasse de uma pessoa à parte –, pois a História não é senão a atividade do homem que persegue seus objetivos (MARX&ENGELS, 2003, p. 111).

Referências

FEUERBACH, Ludwig. Teses provisórias para a Reforma da Filosofia, In: FEUERBACH, L. Filosofia da Sensibilidade. Escritos (1839-1846). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005, p. 85-100.

HEINRICH, Michael. Karl Marx e o Nascimento Da Sociedade Moderna, vol 1. São Paulo: Boitempo, 2018.

MARX, Karl, ENGELS, F. A ideologia alemã. SãoPaulo:Boitempo, 2007.

MARX, Karl, ENGELS, F. A sagrada família. SãoPaulo:Boitempo, 2003.

MARX, Karl. Bemerkungen über die neueste preußische Zensurinstruktion. In: MEGA, I/1. Berlim, 1927.

MARX, Karl. Cadernos para a Filosofia epicurista, estoica e cética. Lisboa, Editorial Presença, 1972.

MARX, Karl. Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro. São Paulo: Boitempo, 2018.

MARX, Karl. Sobre a questão judaica. São Paulo: Boitempo, 2010.

MÉSZÁROS, Istiván. A teoria da alienação em Marx. São Paulo: Boitempo, 2016.

NETTO, José Paulo. Karl Marx: uma biografia. São Paulo: Boitempo, 2020.

WACKENHEIM, Charles. La quebra de la religión según Karl Marx. Barcelona: Ediciones Península, 1973.